

TERMINOLOGIA E LEXICOLOGIA: PLURISSIGNIFICAÇÃO E TRATAMENTO TRANSDISCIPLINAR DAS UNIDADES LEXICAIS NOS DISCURSOS ETNO-LITERÁRIOS

Maria Aparecida Barbosa*

Resumo

Examinam-se aspectos da interdisciplinaridade: entre ciências, tecnologias, culturas; entre a unidade lexical da língua geral e das línguas de especialidade; entre conceitos de áreas técnicas e científicas, distinguindo-se, ainda a interdisciplinaridade como cooperação eventual e a interdisciplinaridade necessária. Utilizaram-se modelos das semânticas cognitiva, de língua, de discurso; e modelos da teoria terminológica. Mostra-se a tênue fronteira entre ciências, tecnologias, culturas; entre a unidade lexical especializada e a não especializada, como a dos discursos etno-literários; relações entre texto científico e banalizado, possíveis transposições. Propõe-se consolidação da disciplina Etno-terminologia e decorrências em Terminologia aplicada.

Palavras-chave: *Diversidade cultural; semântica cognitiva; etno-terminologia; terminologia aplicada.*

Abstract

Aspects of interdisciplinarity are examined: among sciences, technologies, cultures; between the lexical unit of language and technical-scientific languages; among concepts belonging to technical and scientific areas, considering differences between interdisciplinarity as an eventual cooperation and as a necessary phenomenon. We employed models in cognitive semantics, semantics and discourse semantics and models belonging to the terminological theory. We show the slight limits between science, technology, culture; between the specialized lexical unit and the common one, such as the ones in the ethno-literary discourses; relationships between scientific text and the ones which are not, possible transpositions. We suggest the consolidation of Ethno-terminology as a discipline, considering its consequences in Applied Terminology.

Key words: *Cultural diversity; Cognitive Semantics; Ethno-terminology; Applied Terminology.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados de pesquisas sobre o estatuto das unidades lexicais nos discursos técnicos e científicos e nos discursos da língua comum, certos aspectos dos processos de terminologização e de banalização, como também mecanismos de transferência das unidades lexicais, que se verificam entre as línguas especializadas e a língua geral. Propõe-se uma formalização do eixo e dos graus existentes entre o caráter técnico e científico, de um lado, e as formas ditas banais, de outro, ou seja, dos movimentos de terminologização/banalização, em função dos universos de discursos e das situações dos discursos manifestados. Essa dinâmica conduziu a Autora a propor os conceitos/termos de *terminologização lato sensu*, *vocabularização*, *conceptualização*, *metaterminologização*, *metavocabularização*, *metaconceptualização*.

Mostra-se, então, que uma unidade lexical não é *vocabulo* ou *termo* mas, sim, *está* em função *vocabulo* ou *termo*.

Por outro lado, a pesquisa revela que certos universos de discurso – e os discursos manifestados neles contidos – suportam relações intertextuais e interdiscursivas que *admitem uma abordagem* transdisciplinar; outros há, no entanto, em que aquelas relações intertextuais e interdiscursivas, por sua natureza, *impõem um tratamento transdisciplinar*.

A multifuncionalidade das palavras dos discursos etno-literários conduziu a Autora a propor a formalização de nova disciplina científica, a *Etno-terminologia*. Propõe, ainda, o processo da cientificidade à banalização como um dos ramos mais importantes da *Terminologia Aplicada*.

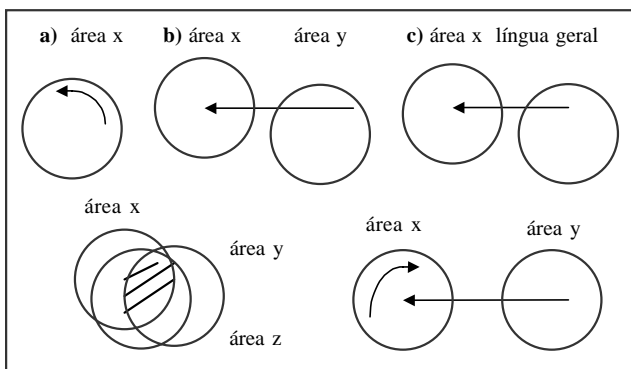
1. PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DE CONJUNTOS TERMINOLÓGICOS

Examinando-se o universo terminológico de uma mesma ciência e/ou tecnologia, verifica-se que é constituído de subconjuntos terminológicos de natureza e funções

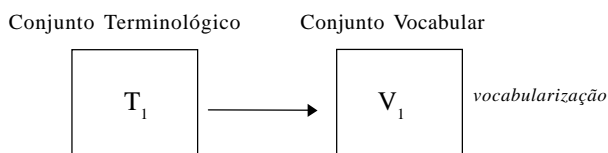
* Dr^a. em Linguística pela USP. Professora do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo.

bastante diversas. Alguns desses subconjuntos, por exemplo, contêm unidades terminológicas criadas especificamente para determinada área, exclusivas e caracterizadoras dessas área (a). É o que acontece com *ecobioma* ou *ecossistema euhemioróbio*, na área de ecologia. Outros universos contêm unidades provenientes de outra área, como, por exemplo, *virus*, em informática (b). Outros, ainda, contêm unidades provenientes da língua geral (c). São exemplos desse conjunto *cebolinha* e *macaco*, na área de peças automobilísticas. Nesses dois últimos casos, as unidades recebem, quando de sua transposição, acepções próprias da área que passou a integrá-las em seu vocabulário, acepções diferentes das que possuíam na área de origem. Outros universos, por sua vez, contêm unidades com acepções parcialmente comuns às de outras áreas (d), como sucede com *estrutura*, em diferentes ciências e tecnologias, no âmbito do paradigma do estruturalismo. Há aqueles universos, enfim, que contêm termos complexos (e), em que um elemento é emprestado de outra área, combinando-se com elementos da própria área. Temos, por exemplo, *metabolismo urbano*, *metabolismo industrial*, *patologia urbana*, *poluição visual*, *poluição sonora*, etc.

Esses diferentes subconjuntos podem ser assim esquematizados:

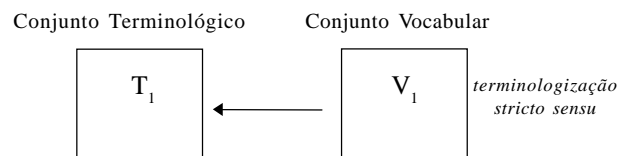


(1) Consideremos, primeiramente, a passagem da terminologia para a língua comum. Podemos assim esquematizá-lo:



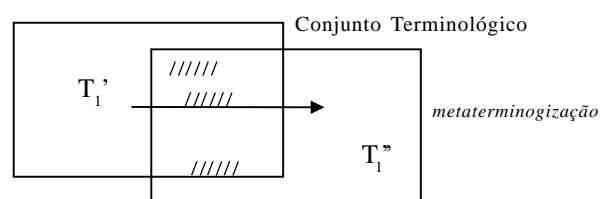
Temos, por exemplo, *entrar em órbita*, transposto da área técnico-científica para a língua geral, por um processo de metaforização.

(2) Consideremos, em seguida, o processo inverso, a passagem da língua comum para a terminologia. Esquematicamente, teremos:



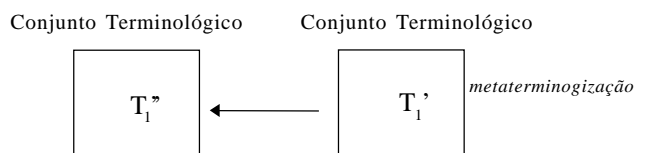
É o caso de *peregrinismo*, que, na língua comum, significava “ir em romaria” e, nas ciências da linguagem, passou a significar “emprego de vocábulo estranho à língua vernácula, estrangeirismo”

(3) Examinemos, agora, a passagem da terminologia para a terminologia, com a manutenção de um núcleo sêmico comum aos termos das diferentes áreas. Podemos esquematizá-la assim:



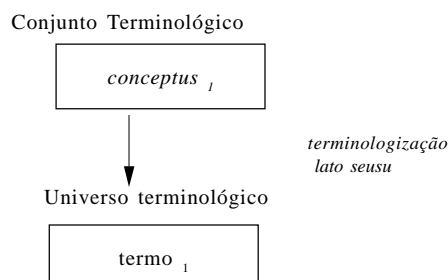
Observem-se, por exemplo, os casos de *estrutura* e de *função*, em diferentes áreas.

(4) Devemos considerar, por outro lado, a transposição da terminologia para a terminologia, sem que se conserve núcleo sêmico comum aos termos resultantes nas diferentes áreas envolvidas.



Esse processo é, também, de *metaterminologização* mas distingue-se do precedente, na medida em que o termo transposto perde os traços semânticos que possuía no universo de partida. É o caso, por exemplo, de *arroba*, “medida de peso” e *arroba*, como símbolo de endereço eletrônico (@).

(5) Muito diferente é o processo de passagem do conceptual para o terminológico, em que temos:



Trata-se, aqui, da *terminologização lato sensu*, ou seja, uma criação *ex-nihilo*, que terá graus diferentes de motivação mas que não resulta da transposição de um universo de discurso para outro e, sim, da instauração de uma nova grandeza signífica - numa combinatória inédita, no caso do processo fonológico e sintagmático - e de uma função metassemiótica - no caso do processo semântico. Diferentemente dos casos anteriores, a relação, aqui, é *vertical*. A rigor, este processo - o da *terminologização lato sensu* - subjaz a todos os anteriormente apresentados, visto que, em estrutura profunda, o ponto de partida é sempre o nível conceptual. Diferem quanto aos percursos realizados pela grandeza-termo e quanto ao modo como é engendrada: fonológico, semântico, sintagmático ou alogenético (Guilbert). Lembremos o exemplo do nome de marca *Omo*, designativo do sabão em pó.

2. ETNO-TERMINOLOGIA

Examinem-se, agora, algumas unidades lexicais de discursos etno-literários.

Tomando-se, por exemplo, o *boi* no rito do *Bumba-meu-boi* do Maranhão, no Norte do Brasil, verifica-se que essa unidade lexical não se refere a um boi, no sentido comum, não se refere ao animal que encontramos nos campos ou nas fazendas; essa unidade não designa, também, o *boi* da biologia, ou da agro-pecuária. Ela tem uma significação especial, no universo de discurso desse rito folclórico, em que representa uma entidade mítica, que é morta, para satisfazer o desejo de uma mulher grávida e que, ao final da narrativa, ressucita, para a felicidade de todos. Uma das interpretações correntes é a de que esse boi representa, nessa história, a morte e ressurreição do Cristo.

Examinando-se com mais cuidado o *Romanceiro* do Nordeste brasileiro, encontrarem-se numerosos exemplos. Assim, tem-se o *conto* do *Pavão*. Um professor de aldeia tinha um pavão muito estimado. Um dos seus alunos mata o pavão. O mestre se vinga, mata a criança. Outro romance conta a história de um nobre, obrigado a disfarçar-se em mendigo cego, para tomar sua bem amada, prisioneira de sua mãe na floresta (história medieval). Tem-se, ainda, o romance de *Juliana*. Um nobre, seu primo, havia prometido casar-se com ela. De repente, apaixona-se por uma jovem. Vai visitar sua prima e anuncia seu novo projeto. Juliana finge alegrar-se, felicita-o e, para comemorar, oferece-lhe uma taça de vinho envenenado (história medieval). *Juliana* representa, pois, a *mulher ciumenta*, o *ciúme*.

Há uma série de romances cujo tema é, por exemplo, o *amor desgraçado*.

Nesses textos, de modo geral, tem-se um grande número de personagens. Contudo, são muito pobres em sua *figurativização*. Na realidade, são *tipos humanos*, ou *tipos sociais*, suportes de temas, encarregados da *tematização*. Encontram-se nos romances grandes temas universais, as

oposições *amor x morte*, *vida x morte*, *amor x alma*, *riqueza x miséria*, *bem x mal*, *poder x fraqueza*, *fidelidade x traição*, etc.

Poder-se-iam multiplicar os exemplos. Os grandes proprietários de terras são com frequência os representantes do poder, da opressão, do mal. Os homens pobres representam freqüentemente o bem, a honestidade, a fraqueza, o sonho de liberdade. As 'autoridades' são normalmente apresentadas como gente malvada. O poder está ligado à malvadeza. O *diabo* aparece, como ele mesmo, ou disfarçado em outra personagem, relacionada ao poder, à riqueza, à autoridade; intervém no destino dos homens.

Verifica-se, então, que as unidades lexicais desses discursos etno-literários têm características muito específicas: de um lado, são vocábulos metassemióticos, pelos motivos acima vistos, de outro, são quase-termos técnicos, pois pertencem à uma linguagem especial/especializada. Seus sememas não correspondem, pois, nem aos sememas da língua comum, nem aos sememas das linguagens dos domínios científicos. Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etno-literário, provenientes das narrativas e cristalizados, de maneira a tornar-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente.

Nessas condições, a *unidade lexical do universo de discurso etno-literário* tem um estatuto nitidamente diferente. No nível da norma e do falar concreto, ela subsume as duas funções, *vocábulo* e *termo*. Com efeito, trata-se de um vocábulo, nos seus aspectos referenciais, pragmáticos e simbólicos, em função semiótica, metassemiótica ou meta-metassemiótica e é um termo, na medida em que a unidade léxica em questão tem características de uma linguagem de especialidade. É possível, assim, propor, em semiótica profunda, o seguinte modelo:

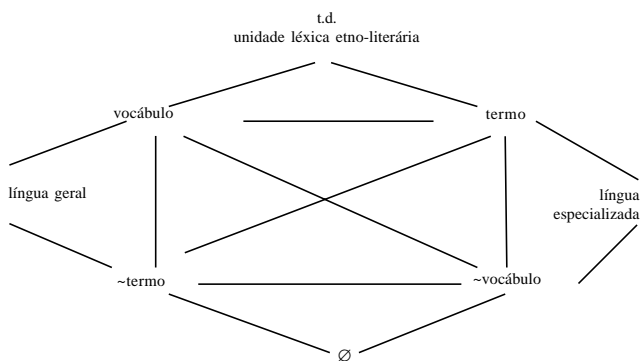


Figura 1: Tensão dialética vocábulo x termo

Sustenta-se uma tensão dialética *vocábulo x termo* nas unidades lexicais etno-literárias. Na dêixis positiva, a unidade lexical em função *vocábulo* é um *não-termo*. Na dêixis negativa, a unidade lexical em função *termo* é um *não-vocábulo*.

De maneira sucinta, pode dizer-se que as unidades lexicais dos discursos etno-literários têm um *significado muito especializado*, específico do universo de discurso a que pertencem e que são, ao mesmo tempo, *polissêmicas/polissemêmicas*. Noutras palavras, essas unidades léxicas reúnem qualidades das linguagens de especialidade e qualidades da linguagem literária, conservando um valor semântico social e concomitantemente permanecendo como documentos do processo histórico de uma cultura. Poder-se-ia acrescentar que elas resultam, simultaneamente, do cruzamento de processos de *metaterminologização* e de *metavocabularização*.

Verifica-se que certos universos de discurso – e os discursos manifestados neles contidos – suportam relações intertextuais e interdiscursivas que *admitem uma abordagem* transdisciplinar; outros há, no entanto, em que aquelas relações intertextuais e interdiscursivas, por sua natureza, *impõem um tratamento transdisciplinar*.

A multifuncionalidade das palavras dos discursos etno-literários conduziu a Autora a propor a formalização de nova disciplina científica, a **Etno-terminologia**.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto às implicações didático-pedagógicas, cumpre ressaltar que o desenvolvimento da competência lexical do sujeito falante-ouvinte requer, dentre outros aspectos, que o mesmo adquira um número razoável de variantes diafásicas, ou seja, de parassinônimos pertencentes a universos de discurso diferentes. Daí resultam: aumento do número de unidades memorizadas e disponíveis para atualização; maior rigor nas oposições semêmicas e maior precisão do enfoque semântico; maior habilidade na seleção das unidades léxicas, face à situação de enunciação e de discurso; maior habilidade na manipulação das relações de significação; maior habilidade na transposição de sentidos e no trânsito entre universos de discurso (metalinguagem e transcodificação).

O desenvolvimento de mecanismos que permitam estabelecer relações entre vocábulos da linguagem banalizada e termos técnico-científicos revela-se muito eficaz para a comunicação entre o leigo e o especialista e como instrumento, para o aluno, ou iniciante, de acesso a um novo universo de discurso, sem que este lhe pareça uma linguagem artificial e completamente desvinculada de seu saber anterior; além disso, mostra-se valioso instrumento de ampliação de seu vocabulário.

Outro aspecto importante do processo é o desenvolvimento de mecanismos de passagem de unidades do voca-

bulário passivo para o ativo, indicadora do grau de sua automatização, pelo o aluno/iniciante, que não mais se restringe à enunciação de decodificação mas alcança, também a de codificação. É um momento revelador do acesso a um saber técnico-científico e seu crescimento: o sujeito-falante já consegue discursar ou rediscursar a investigação e os modelos técnico-científicos.

Aprender uma língua é aprender um modo de “pensar o mundo”. O mesmo acontece com as metalinguagens técnico-científicas, seus recortes, seus sistemas de valores e designações que lhe correspondem. Assim, a metalinguagem técnico-científica de qualquer área do saber e/ou de suas aplicações constrói a sua ‘visão do mundo’ específica, de tal forma que só é possível aprender uma ciência, quando se adquire a competência semiótico-lingüística do seu universo de discurso.

Tem-se aí o problema seríssimo do sujeito falante-ouvinte não iniciado, que deseja aprender uma nova ciência ou tecnologia. Por vezes, essa tarefa se mostra mais difícil que o aprendizado de outra língua natural. Ao assimilar uma metalinguagem técnico-científica, o pesquisador iniciante estará assimilando e construindo o saber e o saber-fazer específicos daquela ciência e/ou tecnologia, que lhes possibilitam entender, rediscursar e realimentar não só os modelos científicos ou tecnológicos, como também a sua própria ‘visão do mundo’ anterior, num processo de amadurecimento intelectual e pessoal.

Os processos de banalização, vulgarização, popularização revelam-se instrumentos eficazes da difusão e circulação do conhecimento e, por conseguinte, tem alto interesse para a Terminologia Aplicada.

Todos os universos de discurso em operação na comunidade sociocultural sustentam-se em relações interdiscursivas – entre processos – e em relações intertextuais – entre enunciados. Todos *admitem* análises em termos de relações transdisciplinares. Entretanto, outros há, que *exigem*, por sua natureza discursiva e seu estatuto sociosemiótico, um tratamento transdisciplinar.

No âmbito de uma tipologia discursiva, torna-se necessário *redistribuir* tarefas de análise:

- *A semiótica literária* – estudo dos discursos literários
- *A sociosemiótica* – estudo dos discursos sociais não literários
- *A terminologia técnico-científica* – estudos dos discursos das línguas de especialidade
- *A etno-semiótica* – estudo dos discursos etno-literários
- *A etno-terminologia* – estudo das unidades multifuncionais
- *A terminologia aplicada* – estudo dos processos de circulação e difusão do conhecimento.

Figura 2: Tratamento multidisciplinar do léxico.

A autora está propondo, pois, como síntese final, a consolidação da disciplina *Etno-terminologia*; e o proces-

so de transcodificação de textos técnicos-científicos para os da língua comum, num procedimento da cientificidade à popularização, como um dos ramos mais importantes da *Terminologia Aplicada*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida. Sobre a normalização terminológica: banalização/vulgarização. *Revista brasileira de Linguística*. São Paulo, Plêiade, v. 10, n.º 1, p. 7-27, 1999.

BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. *Acta semiotica et linguistica*. São Paulo, v.7, p. 25-44, 1998.

_____. Estruturas e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais, *Acta semiotica et linguistica*. São Paulo, v. 8, p. 95-120.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. *O romanceiro tradicional no Nordeste do Brasil: uma abordagem semiótica*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 1999.

BORGES, Francisca Neuma Fechine. Polisotopia e arquétipos narrativos na literatura de cordel. In: *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*. Caxambu, ANPOLL, p. 479-491, 1995.

GREIMAS, Algirdas Julien. O contrato de veridicção. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. *Acta semiotica et linguistica*. São Paulo, v. 2, p. 211-221, 1978.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HJELMSLEV, Louis. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris: Minuit, 1968.

MARTIN, Jean-Baptiste. (Org.) *O conto: tradição oral e identidade cultural*. Tradução de Rubens Alves Netto e Rosália Maria Netto Prados. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

MULLER, Charles. *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Larousse, 1968.

PAIS, Cidmar Teodoro. Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, v. 6, n.º 1, p. 45-60, 1982.

_____. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, v. 7, n.º 1, p. 43-65, 1984.

_____. *Conditons sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Doctorat d'État ès-Lettres et Sciences Humaines. Directeur de Recherche: Bernard Pottier. Paris: Université de Paris-Sorbonne (Paris-IV)/Lille: Atelier National de Reproduction des Thèses, 761 p, 1993.

_____. Conceptualisation, dénomination, désignation, référence: reflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde. In: Poulet, J. et al. (Orgs). *Revista Textures. Cahiers du C.E.M.I.A. Recueil d'Hommage à Mme. Le Professeur Simone Saillard*. Lyon, Université de Lyon 2, 1998, p. 371-384.

_____. Conceptualização, interdiscursividade, arquiteyto, arquidiscursão. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro, CIFEFIL, ano 8, n.º 23, p. 101-111, 2002.

POTTIER, Bernard. *Sémantique générale*. Paris: P.U.F., 1992.

RASTIER, François. *Recherches en sémantique cognitive*. Paris, P.U.F., 1991.

_____. Para uma poética generalizada. Tradução de C. T. Pais. *Acta semiotica et linguistica*. São Paulo, v. 8, p. 445-470, 2000.